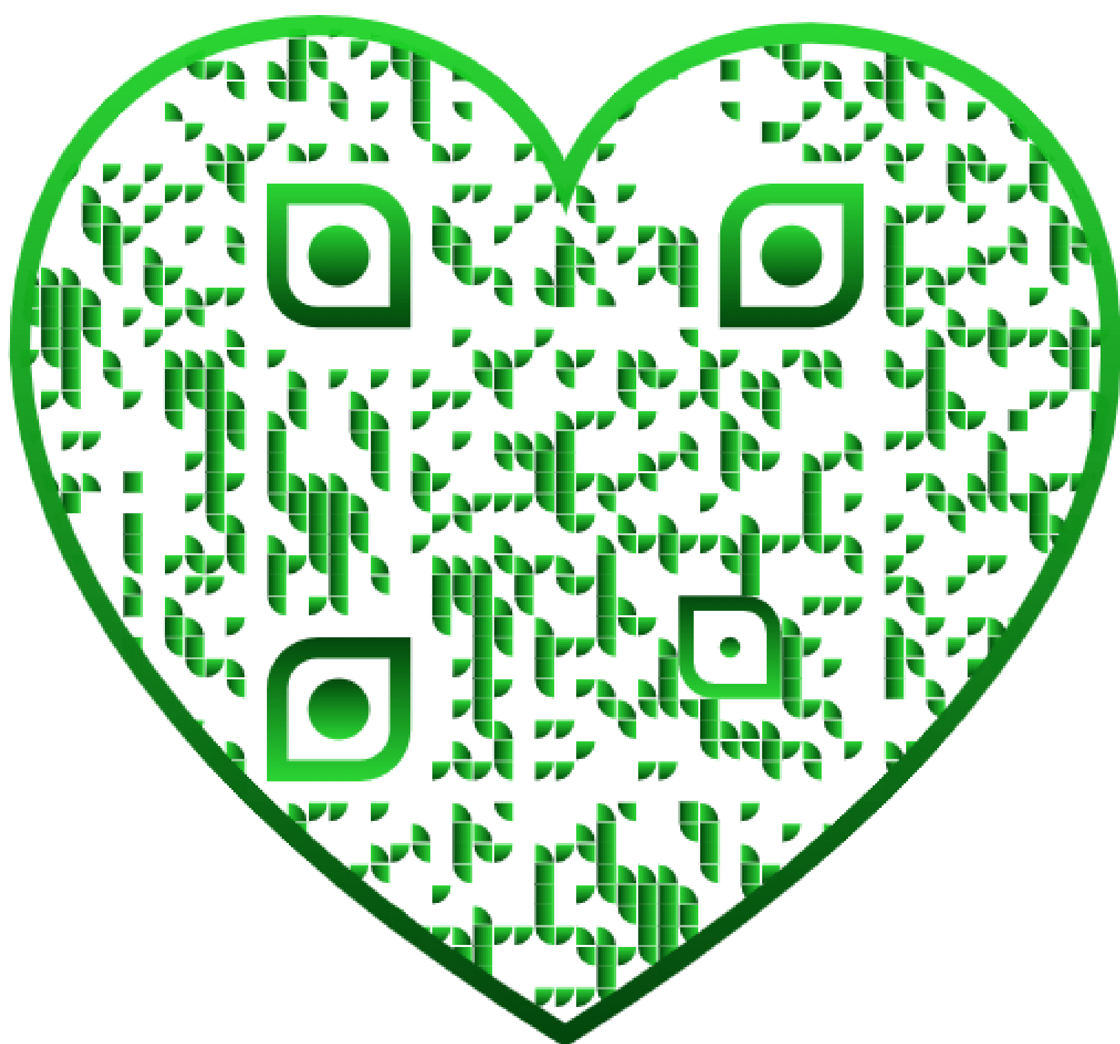


Um bebê de Natal
JULIANA DANTAS



UM bebê de Natal

JULIANA DANTAS

Copyright © 2019 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

Título Original: Um bebê de natal
Capa: Jéssica Gomes
Revisão: Sheila Mendonça

Nota da autora

Este conto é a conclusão da série "Julie & Simon" e recomendo que leiam os livros anteriores

Uma noiva de natal
Um noivado nada discreto
O dia dos namorados de Julie e Simon
Um bebê Inesperado

Um Bebê de Natal

Julie

Uau!

Dirigir pelas ruas de Londres é muito incrível!

Acaricio o volante do meu carro novinho, presente de Natal que ganhei do meu lindo marido.

Sim, Simon tinha acertado em cheio no meu presente. E ele até tentou esconder de mim para me surpreender na noite de Natal, mas quem disse que conseguiu?

Sério, Simon ainda é bem ingênuo às vezes, quando acha que pode ser mais esperto do que eu.

Ok, eu tive que segui-lo por três dias, depois de grampear seu celular e instalar uma câmera escondida no seu carro para descobrir, o que o fez ficar horrorizado e gritar coisas do tipo "agora você foi longe demais, sua psicopata maluca!".

Mas nem me importei, porque descobri que o que ele vinha tentando esconder de mim não era um amante latino como eu desconfiava a princípio, e sim meu presente de Natal.

— Você achou que eu tinha um amante latino? Julie, nem de homem eu gosto!

— Não? Justin me contou que ficou manjando as partes baixas dele no banheiro.

— Eu não fiz isso! — negou, mas o vermelho em seu rosto lhe

denunciou. — Aquilo foi... um acidente!

— Acidente? Você tropeçou no Justin e caiu de olho na coisa dele?

— Eu nem sabia que Justin era gay e achava que você tinha um caso com ele, pelo amor de Deus, já expliquei antes! Isso não faz de mim um cara que gosta de homens latinos! Quem gosta de homens latinos é seu amigo Justin!

— E daí? Talvez você seja um desses caras que tem a sexualidade fluida! Sim, isso esta super na moda, eu sei! E não tem problema algum, tem que assumir isso! Senão vai ser um desses caras frustrados, pegando garotões nos banheiros públicos e quando menos esperar será flagrado por um policial, como o George Michael e...

— Pelo amor de Deus, para de viajar! Como pode achar que eu ia te trair com um latino ou qualquer outra pessoa?

E naquele momento ele pareceu genuinamente magoado, fazendo com que eu me sentisse muito culpada.

Claro que Simon nunca ia me trair.

Porém, depois de passar um tempo com o Justin e seu namorado Miguel, fiquei com ideias bizarras na cabeça, achando que dois homens juntos faziam muito sentido. Gente, era gostosura ao quadrado! E sinceramente, se Simon quisesse ter um amante tipo o Miguel talvez nem me importasse se deixasse eu olhar. E talvez filmar? Sim! Eu podia desenvolver uma carreira paralela no mercado de filmes pornôs gays! Ia ser sucesso com certeza.

E quando confessei isso ao Simon, ele ficou mais horrorizado ainda.

— Julie, você é mãe, como pode pensar tanta perversão?

— Oh, agora por que eu sou mãe virei freira?

— Bem, eu sou quase um monge! — reclamou e eu o fuzilei com o olhar.

— Ah não começa!

A verdade é que desde que Penélope nasceu, e isso já fazia mais de dois meses, a nossa vida sexual era quase como a de um clérigo mesmo.

Era algo que eu pretendia resolver urgentemente. Afinal, era Natal e no Natal coisas mágicas aconteciam.

Com um suspiro, deixo meu olhar vagar de volta ao presente.

Ah, o Natal!

As lojas decoradas, as luzes por toda parte, as pessoas sorridentes e felizes, cheias de paz no coração...

— Ei, a preferência era minha, filho de uma mãe! — Enterro a mão na buzina quando um idiota dirigindo um Sedan atravessa na minha frente.

Inferno, o trânsito de Londres não é nada fácil, concluo, acelerando para passar na frente do infeliz que dirige feito um vovozinho.

— Ei, vadia, quer bater no meu carro? — o homem grita.

— Estou atrasada, idiota! — grito de volta. — E está indo onde dirigindo deste jeito? Pro asilo?

Acelero deixando o bocó para trás e ligo o som bem alto.

George Michael enche o carro com sua canção natalina e sorrio, animada, enquanto o sol desce no horizonte dando lugar ao frio crepúsculo de outono, enquanto as luzes de Natal enchem as ruas.

Hoje é a festa de Natal da empresa e eu iria surpreender Simon aparecendo por lá. Ele comentou hoje de manhã que chegaria mais tarde por causa da festa e naquele momento eu nem tinha pensado em comparecer, afinal, ainda estava de licença-maternidade, mas enquanto o dia corria, minha mente se encheu de lembranças. Há exatamente um ano eu comparecia na mesma festa, ainda uma funcionária novata na DBS, mas já completamente apaixonada por Simon Bennett, o inalcançável CEO. E quem poderia imaginar que um ano depois eu estaria casada com ele?

Então, tive a ideia de ligar para Holly, minha ex-colega de apartamento e pedir que ficasse com Penélope hoje, já que ainda não havia contratado uma babá, para que eu pudesse ir à festa de confraternização da DBS.

E agora, enquanto caminho pela recepção, sou acometida por uma onda de saudade do meu trabalho. Estou tão animada em rever todos os meus amigos!

— Ei, Julie, você esta ótima! — Angie, a recepcionista, me cumprimenta quando passo por ela.

Sim, estou mesmo ótima. Vislumbro minha imagem no vidro do elevador, usando um vestido vermelho justo de inverno e saltos altos *Manolo Blahnik*.

Meus preferidos.

Não podia deixar de usar meu sapato de sorte hoje.

Angie não precisa saber que estou usando uma cinta que está tão apertada que provavelmente já tinha quebrado algum osso cúbito da minha costela. Bem, isso se existisse osso cúbito na costela. Acho que não...

— Não sabia que vinha hoje!

— Eu vim para a festa.

— Ah sim, daqui a pouco estou subindo também. E vou querer saber todas as novidades, hein?

— Pode deixar!

Entro no elevador, muito animada e antes de chegar ao meu andar as portas se abrem e vejo Simon entrar com Mark, o gerente do RH.

— Julie, o que está fazendo aqui? — Ele levanta a sobrancelha perfeita, com uma expressão séria.

— Eu vim para a festa!

— E Penélope?

— Ela está com a Holly.

— Holly, sua amiga sem noção que acha que vai vencer o X Factor?

— Holly não é sem noção! E ela é ótima com crianças, não se preocupe.

— Por que não me avisou que vinha?

— Era uma surpresa! E eu até queria chegar mais cedo para poder matar a saudade do pessoal e do meu escritório, mas o trânsito estava terrível...

— Você veio de carro? — A voz de Simon agora sai carregada de censura e é a minha vez de levantar a sobrancelha.

— Carros são feitos para serem dirigidos.

— Achei que tínhamos combinado que estaria com você quando dirigisse a primeira vez...

— Simon, não tenho 16 anos e você não é meu pai pra ficar do meu lado gritando comigo!

— Você está ótima, Julie, seja bem-vinda — Mark se intromete, provavelmente preocupado com a troca de farpas entre mim e Simon.

E só então eu me lembro que aqui na DBS, Simon é meu chefe e devo ser um pouco mais profissional e deixar as rusgas maritais para nossa casa.

Coloco um sorriso profissional no rosto e me viro para o gerente financeiro.

— Oi Mark, como vai? Você está ótimo também. — Devolvo o cumprimento, embora Mark ainda faça jus ao apelido de vampiro do RH, que é como eu o chamo mentalmente.

O elevador se abre no andar da diretoria.

— Não vão subir para a festa?

Como no ano passado, a festa estaria acontecendo no salão de convenções no último andar.

— Temos trabalho a fazer — Simon responde ainda carrancudo.

— Está bem, nos vemos mais tarde então, chefe! — Pisco para afrontá-lo, quando as portas se fecham.

— Conte-nos tudo! — Nancy exige e eu sorrio, deixando meu olhar vagar pelo rostos curiosos de meus colegas.

Obviamente a minha aparição de surpresa causou um pequeno rebuliço em meus colegas mais próximos que agora me rodeavam ávidos por saber as novidades.

— Sim, ainda é incrível pensar que você é mãe! — Alan comenta e me recordo que ele tinha uma queda por mim. Parece que foi em outra vida.

— Sua filha é tão linda, Julie. — Rachel segura meu celular que passa de mão em mão, ostentando fotos da minha filha.

— Sim, Penélope é a bebê mais linda do mundo. — Sorrio com orgulho. Porque, oras, é verdade!

— E foi muito difícil os primeiros dias com um bebê novinho? — Phillip indaga. — Minha irmã teve bebê há uns meses e quase enlouqueceu...

— O quê? Foi superfácil... Penélope é um anjo e eu me saí muito bem, estava muito preparada e calma com todos os desafios...

Sorrio placidamente, me recordando daqueles primeiros dias com Penélope.

— Por que ela não para de gritar? — choraminguei confusa, sacudindo Penélope de um lado para o outro.

Era sua primeira noite em casa e, sinceramente, devia ter algo errado com aquela criança. Porque desde que todos nossos convidados foram embora, depois da festa de boas-vindas que Simon tinha organizado na nossa

nova casa, Penélope tinha desatado a chorar e não parava mais.

Simon desviou o olhar do celular muito calmo.

— Crianças são assim.

— Crianças são assim? Eu acho que não! Ela está gritando faz quatro horas!

— Só faz meia hora, Julie!

— Pois parecem dias! Tenho certeza que minha capacidade auditiva está seriamente danificada! Amanhã mesmo começo a aprender linguagem de libras!

— Deixa de ser exagerada, me dá ela aqui. — Ele se levantou da poltrona de amamentação, onde estava sentado com sua postura de CEO fodão muito calmo e rígido enquanto eu saltitava com nossa filha recém-nascida pelo quarto tentando fazê-la parar de chorar.

Não que ele não tenha se oferecido para ajudar, mas eu era a mãe e devia estar totalmente preparada para situações como aquela.

Eu tinha certeza que seria só colocar Penélope no meu colo que ela começaria a rir feito aqueles bebês de comercial de talco.

E eu seria a mãe do ano.

Mas as coisas não estavam saindo bem como imaginei.

Simon se aproximou com os braços estendidos e, desta vez, deixei que ele levasse a pequena gritadora.

Bem, Simon era mesmo um CEO fodão e podia conseguir o que quisesse, inclusive fazer uma bebê recém-nascida parar de chorar.

Mas não foi isso que aconteceu. Penélope continuou a chorar ainda mais alto agora, me deixando apavorada.

— Tem alguma coisa errada com ela, Simon! Vamos chamar um exorcista!

Simon me encarou, horrorizado.

— O quê?

— Sim, eu já vi naqueles filmes de terror! Crianças são as mais vulneráveis a ataques de entidades do mal! Acho que vou ligar para a Natasha...

— Não vamos ligar para a Natasha!

— Mas temos que fazer alguma coisa!

— Sim, nós temos. — Ele ficou pensativo. — Pegue o livro.

Corri para o andar de baixo, peguei na estante voltando correndo para cima e mostrando a Simon que encarou o livro na minha mão confuso.

— A Bíblia?

— Não vamos fazer o exorcismo?

Simon revirou os olhos.

— Eu falei do livro de bebê, aquele que eu estava lendo mais cedo. Deve ter alguma dica lá!

— Ah sim, aquele livro!

— Ok, aqui diz que pode ser fome — Simon diz depois de passar a bebê para meu colo de novo.

— Eu tentei dar mamá, mas ela não quis!

— Tente de novo.

Sentei-me na poltrona e abri minha blusa, colocando Penélope sobre meu seio e desta vez ela buscou meu mamilo com avidez.

— Oh, olha Simon, ela estava com fome mesmo! — Respirei aliviada, quando o som estridente de choro de bebê foi substituído pelo som reconfortante de Penélope mamando.

— Está vendo, a gente só precisa aprender alguns truques — Simon comentou com presunção.

Repousei tranquila sobre a poltrona, acariciando os cabelos

vermelhinhos de Penélope, achando que finalmente tudo ia ficar bem.

Eu estava bem enganada!

— Simon, essa criança quer sugar toda a vida de mim! — exclamei, depois de acordar pela oitava vez naquela noite para amamentar.

Simon apenas riu, entrando no quarto da bebê, os cabelos despenteados e os olhos pesados de sono.

— Acho que é normal.

— Normal? Se ela continuar mamando assim, teremos que comprar um berço maior, porque ela vai engordar tanto que não vai caber!

Ele riu mais ainda.

— É sério. E talvez eu vá precisar de seios novos também!

— Não exagera...

— Porque não é você que tem um pequeno ser voraz sugando seu mamilo o tempo inteiro!

— Tenho certeza que é só porque é a primeira noite com ela aqui. Tudo vai ficar melhor, ok?

— Promete?

Ele beijou meus cabelos.

— Tenho certeza que sim. Olha, acho que ela já mamou o suficiente por agora.

Olhei para Penélope que já tinha largado meu seio, finalmente.

Mas eu sabia que ela não ficaria saciada por muito tempo.

— Deixe-a comigo e vá dormir e descansar um pouco.

— Por que eu vou dormir se daqui a pouco ela vai querer mamar de novo?

— Eu te chamo, vai descansar.

Simon retirou a bebê do meu colo.

— E não esquece de colocá-la para arrotar — orientei e ele me lançou um olhar de presunção.

— Eu sei muito bem. — Ele levantou a bebê no ar. — Nós nos entendemos muito bem, não é querida? — Sorriu para Penélope que não pareceu muito animada.

E no minuto seguinte, descobrimos o porquê quando um jato de golfada voou no olho de Simon.

— Porra! — ele xingou me fazendo rir alto. — Não é pra rir!

— Mas é engraçado, papai fodão! — Aproximei-me e lhe dei uma fralda para limpar o rosto, pegando Penélope de volta. — Não deveria ter sacudido a bebê quando ela acabou de mamar, Simon! Hum, acho que ela precisa de um banho, está toda suja!

E eu e Simon nos encaramos em total horror.

— Como vamos fazer isso? — murmurei com medo.

— Vamos dar um jeito — ele falou corajosamente.

O primeiro banho de Penélope foi um capítulo à parte, e podemos resumir em um evento onde chorei o tempo inteiro com medo de afogá-la e Simon dizendo que se eu não me acalmasse ia me colocar pra fora do banheiro.

E tudo isso para, depois de achar que o pior tinha passado, ela fazer cocô em seguida na mesa de trocar.

Simon fez cara de quem ia vomitar e foi a minha vez de falar que se ele não se acalmasse ia colocá-lo pra fora.

E devo dizer, que até que eu passei pelo teste do primeiro cocô com maestria. Oras, era só uma pequena melequinha nojenta. E depois de limpá-la e colocar a fralda...

— Ei, Julie, a fralda caiu! — Simon gritou quando pegou Penélope

depois que eu a troquei.

Olhei para Simon com a bebê erguida no ar, e a fralda no chão.

— Que merda de fralda!

Ok, demorou um pouco pra eu conseguir colocar a fralda direito. E devo dizer que, o fato de Penélope sujá-la muitas vezes ao dia, ajudou muito para que eu treinasse bastante essa parte.

— Será que é normal ela fazer tanto cocô assim? O que tem no meu leite? Comida mexicana? — indaguei à minha mãe quando liguei para ela.

— Querida, é assim mesmo, não se preocupe. E você já fez a dança da deusa para ela? Tenho certeza que vai acalmá-la e ela vai parar de chorar e...

— Ok, mãe, obrigada! — Desliguei antes que ela começasse com os papos malucos.

E como Simon disse, os dias foram passando e tudo foi realmente ficando mais fácil. Ou melhor, eu fui me acostumando com aquela nova realidade e me dando conta que não adiantava nada planejar e achar que tudo ia ser perfeito quando se tratava de Penélope.

Todo dia era uma aventura.

Algumas vezes, eu achava que era a pessoa mais sortuda do mundo, com o corpinho morno da minha bebê junto ao meu, seu ressoar tranquilo. Seus dedinhos segurando o meu. Os olhinhos presos em mim, como se me conhecesse.

E outros eu achava que talvez devesse fugir para Dubai e trocar de nome. Como quando acordava no meio da noite, tropeçando em tudo para chegar até ela, me perguntando, enquanto Penélope esfolava meus mamilos, se um dia eu ia voltar a dormir uma noite inteira de novo. Ou quando começou a temporada de cólicas que eu e Simon nos revezávamos para ficar trocando ela de posição e massageando sua barriguinha até que se acalmasse.

Nesses delírios, eu às vezes incluía Simon nos meus planos de fuga. E

em outros eu queria mesmo é que ele sumisse também.

Quando, por exemplo, voltou ao trabalho e me deixou em casa totalmente apavorada de ficar sozinha com um bebê de três semanas pela primeira vez.

— Não pode me deixar sozinha! — Eu tinha gritado.

— Eu preciso trabalhar, Julie, você sabia que era temporário...

— Não me interessa! Você é o pai! Tem que ficar comigo.

— E quem vai ganhar dinheiro?

— A gente pode dar golpes pela internet! Ou podemos transformar Penélope num desses bebês de comercial de TV. Isso, ela é linda e vai fazer tanto sucesso! Já imaginou ela em filmes de Hollywood? Vai ser ótimo ela começar a ganhar dinheiro e sustentar essa família, afinal, ela consome muita fralda...

No final, obviamente Simon não foi persuadido e voltou ao seu precioso trabalho na DBS. E eu fiquei sozinha com Penélope.

Nos primeiros dias eu só tentava sobreviver. Com Simon em casa para dividir tudo era bem mais fácil. Agora, eu tinha que me virar. E claro que não sem alguma confusão. Como quando resolvi fazer faxina e andei pela casa inteira levando o carrinho de Penélope para, em certo momento, ao dar uma espiadinha para ver se estava tudo bem, já que ela estava muito quietinha, perceber que o carrinho estava vazio.

— Ai meu Deus, roubaram minha filha!

Saí correndo e peguei o telefone, ligando para Simon, apavorada e ele não conseguia entender nada do que eu dizia em meio aos meus gritos de terror.

— Julie, se acalme e fale devagar!

Respirei fundo e consegui pronunciar algumas palavras direito.

— Roubaram nossa filha!

— Como assim roubaram?

— Ela estava no carrinho e não está mais, Simon, alguém pegou a Penélope! — Chorava desesperada.

Então de repente, olhei para o balcão da cozinha e lá estava Penélope, dormindo placidamente.

— Como ela foi parar ali? — balbuciei.

— O que foi? A encontrou? — Simon gritou do outro lado da linha.

— Sim, ela esta aqui... — Eu me aproximei e a peguei no colo.

Misericórdia, nem lembrava de ter a deixado ali...

— Julie, o que diabos está acontecendo?

— Nada, quer dizer, eu acho que estou ficando louca...

— Louca você sempre foi.

— Não, agora é serio! Coloquei Penélope no carrinho e fui tirar pó dos móveis, quer dizer, eu achei que ela estava no carrinho, mas na verdade a deixei em cima da mesa. Em cima da mesa, que tipo de mãe faz isso, Simon?

— Se acalma, só está cansada, não tem dormido direito, vamos dar um jeito nisso.

E foi assim que Simon me convenceu que precisávamos de ajuda.

— Eu não preciso de ajuda! — refutei.

— Precisa sim e isso está fora de questão. Que tal sua mãe vir passar uns dias aqui?

— Você pirou? Minha mãe ia me enlouquecer com seus incensos e danças malucas para a deusa, nem pensar.

— E minha mãe?

— Eu ia ficar muito nervosa com sua mãe aqui. Não quero que ela saiba que eu sou um total desastre. Que vergonha.

— Você não é um desastre...

— Não sou? O que vai acontecer a seguir? Vou achar minha filha

dormindo dentro do forno? Vou colocar ela junto com o lixo para fora de casa?

— Nada disso vai acontecer. Vamos contratar uma babá então?

— Já? Sei que terei que contratar alguém para quando for voltar ao trabalho, mas...

— Sim, é a melhor solução. Assim Penélope já vai se acostumando com outra pessoa cuidando dela...

— Eu não sei se gostei disso...

— O quê?

— Outra pessoa cuidando da minha filha...

— Julie, vai ter que se acostumar. Ou não vai mais querer voltar ao trabalho?

Confesso que naquele momento, com Penélope no colo, pensei seriamente em dizer a Simon que não ia sair de casa nunca mais. Ia ficar pra sempre assim, sendo apenas mãe.

Isso, eu ia ser uma daquelas mães modelos!

Ia virar uma especialista em maternidade. Em pouco tempo seria uma sumidade no assunto. Certeza que me chamariam para ir a programas de TV dar conselhos a outras pobres mães desesperadas e...

Nunca mais ia trabalhar de verdade?

Hum, a dúvida pesou de verdade naquela hora. Me senti dividida de um jeito que nunca tinha me sentido na vida.

No fim, Simon disse que eu ainda teria tempo para pensar e guardamos a ideia da babá para depois, já que eu ainda me sentia bem ciumenta.

— E como eu estava contando a vocês — voltei ao presente, visualizando os rostos dos meus colegas de trabalho —, Penélope é um doce,

não deu trabalho nenhum. E eu me saí muito bem como mãe — exagerei um pouquinho. Penélope era sim um doce, mas os primeiros dias com ela não foram nada fáceis.

Mas meus colegas não precisavam saber dos detalhes sórdidos. Vamos deixar os pobres solteiros e sem filhos acharem que a vida com bebês é um mar de rosas.

Eles que lutem quando descobrirem a verdade!

— E você está tão em forma! Faz menos de três meses que Penélope nasceu e está ótima! — Rachel elogiou.

Meu sorriso orgulhoso (e mentiroso) se alarga no rosto. Estou realmente muito bem naquele vestido, apesar de não poder respirar fundo, senão a cinta aperta demais meu intestino. Se é que eu ainda tenho intestino.

— Sim, voltou em forma supercedo! Qual o segredo? — uma garota oriental, que se apresentou como Sonya, a nova assistente do vampiro do RH, me pergunta curiosa.

— Não há segredo algum. Só persistência e disciplina. Na verdade, eu sempre fui uma pessoa naturalmente *fitness*, só ainda não tinha descoberto este dom!

— Julie, onde diabos pensa que vai? — Simon me encarou quando passei pela sala, vestida com roupas de ginástica e levando o carrinho de Penélope. Sim, aquele que era para a mãe correr levando o bebê.

— Correr, oras!

— Você? E com a Penélope?

— Sim, a gente comprou este carrinho para isso!

— Você nunca corre.

— Agora eu corro. Afinal preciso perder os quilinhos que ganhei com a gravidez e voltar à forma.

Eu ainda estava oito quilos acima do meu peso.

Ele se levantou, largando o jornal financeiro que estava lendo, e veio na minha direção.

— Não acho que deveria levar a Penélope.

— Não me diga o que eu posso ou não fazer, Simon, já falamos sobre isso! — Apontei o dedo em riste em seu rosto.

— Quando falamos sobre isso?

— Bem, estamos conversando agora! Eu sou uma mãe moderna que pode correr com seu bebê.

— Não estou dizendo que não pode ser. Apenas que nunca vi você praticando corrida e agora quer começar levando nossa filha de menos de dois meses!

— Ela tem que se acostumar com a mãe que tem. Uma mãe *fitness*.

Desta vez Simon começou a rir, sem nem disfarçar.

— Por que está rindo? Não contei nenhuma piada.

— Desde quando é *fitness*?

— Desde que engordei para carregar a sua filha! — acusei. — Agora saia da minha frente, que quero aproveitar que o tempo está bom.

— Julie...

— Sai, Simon!

Vencido, ele saiu do meu caminho e segui muito satisfeita pela rua tranquila em que morávamos em Hampstead.

O outono já estava quase no fim, e aquela hora da manhã geralmente já estava bem frio, mas hoje o sol tinha aparecido e o clima esquentou um pouco, fazendo mais de dez graus. Sorri, dando uma checada em Penélope que cochilava quietinha. E apertei o passo, começando minha corrida. Me sentindo uma mãe muito foda e que entraria em forma muito em breve.

Porem, dez minutos depois, já estava literalmente morrendo sem ar.

Que merda de sol era aquele?

Mais dez minutos e minhas pernas mal se aguentavam em pé, e sem forças, caí em um jardim, pegando o celular e mandando uma mensagem para Simon vir me resgatar.

Simon estacionou o carro cinco minutos depois e veio até onde eu estava caída. Pelo menos ele teve a decência de não rir, quando me arrastou como um bêbado qualquer caído na sarjeta até o carro, buscando Penélope em seguida.

Depois de guardar o carrinho no porta-malas, entrou no carro e olhou para mim quando dava partida.

— Não fala nada!

— Não estou falando.

Mas eu podia ver um arremedo de sorriso sarcástico em seu rosto enquanto me levava pra casa.

Depois daquilo ele decidiu que ia me fazer entrar em forma, já que era tão importante pra mim. E isso consistia em me acordar as seis da manhã para malhar em uma academia que ele tinha montado no porão da nossa casa.

No primeiro dia eu mandei ele ir se foder. Afinal, quem ele pensava que era para me acordar as seis quando eu tinha ido dormir as cinco amamentando a filha dele?

— Foi você quem disse que queria entrar em forma, não seja preguiçosa. — Não tinha dado ouvidos aos meus protestos e me obrigado a tomar um suco horrível de couve e contar enquanto eu fazia abdominais como um maldito general nazista.

Na manhã seguinte, fez a mesma coisa e eu me limitei a xingá-lo mentalmente, enquanto fazia os malditos abdominais e calculava quanto de veneno de rato eu teria que usar em sua comida para que me deixasse em paz. Para sempre.

Na terceira manhã, ele não acordou.

Espera, eu não tinha matado meu marido, claro, mas coloquei um comprimido para dormir no chá à noite e ele apagou, só acordando mais de onze horas na manhã seguinte e me encontrado na cozinha com Penélope, lendo a Vogue, enquanto sacudia o carrinho com a perna.

— Bom dia, dorminhoco.

— Por que não me acordou? Estou muito atrasado para o trabalho, que merda!

— Ah amor, qual o problema de dormir um pouquinho mais?

— Eu não posso dormir um pouquinho mais, eu tenho que trabalhar.

— Você é o chefe, pelo amor de Deus! E eu só lamentei que não foi malhar comigo de manhã.

— Você malhou? Sozinha?

— Claro que sim. — Sorri na maior cara de pau. — Fiz o dobro de abdominais se quer saber. E acho que a partir de agora nem precisa acordar tão cedo, posso perfeitamente malhar sozinha.

Voltei a atenção para a revista enquanto Simon retirava Penélope do carrinho.

— Tem alguma coisa esquisita aqui.

Levantei o olhar e ele estava me encarando com aquele seu olhar de CEO fodão que ia demitir alguém por incompetência.

E fiquei com medo, mesmo ele embalando Penélope contra o peito, o que era a coisa mais fofa de se ver.

Ainda assim o olhar continuava implacável em mim.

Ruborizei enfiando a cara na revista de novo.

— O que é esquisito?

— Eu ter dormido até essa hora. E nem acordei nenhuma vez durante a noite quando Penélope chorou.

— Ela não chorou — menti.

Simon tinha o sono muito mais leve que o meu e geralmente acordava antes de mim quando Penélope chorava. E muitas vezes era ele que ia ver o que ela precisava e só me acordava quando precisava mamar.

— Julie, olha pra mim — exigiu.

— Estou ocupada, por que não vai se trocar pra trabalhar? Não estava atrasado?

De repente a revista foi tirada da minha frente com um movimento rápido e não posso mais fugir, o encarando.

— O que você fez?

— Nada...

— Julie...

— Ok, eu coloquei um calmante no seu chá ontem!

— Você fez o quê?

— Não grita, esta assustando Penélope! — reclamei erguendo os braços para tirar a bebê de seu colo, mas ele me impediu.

— Você que está me assustando! Ficou maluca de vez?

— Eu só queria uma manhã de sossego sem ter que fazer abdominal! Você que parece um general maluco! Além do mais se sinta feliz por eu não ter te dado veneno de rato!

— Você queria me dar veneno?

— Claro que não!

— Sinceramente, eu não duvido. Aliás, nem sei por que eu me assusto com sua capacidade de fazer merda!

— Não fala assim comigo!

— Quer que eu fale como? Foi você quem disse que queria perder peso.

— Com se você não se importasse!

— Eu não me importo.

— Vai dizer que tudo bem eu ser gorda?

— Primeiro, você não está gorda e segundo eu realmente não me importo.

— Eu duvido! Deve ser como todos os homens. As mulheres começam a mudar e vocês correm para arranjar uma amante magrinha e com o bumbum durinho!

— Que diabos está falando?

— Eu não sei, perdi o fio da meada! — gritei e agora fui eu que assustei Penélope, que começou a chorar. — Ah, querida, desculpa. — Eu a peguei do colo de Simon, que não me impediu dessa vez, a acalmei e a coloquei no carrinho.

Quando levantei o olhar, Simon estava me encarando.

— Acha mesmo que vou arranjar uma amante magra?

Dei de ombros.

— Sei lá.

— Vem aqui. — Ele se sentou e me puxou para seu colo. — Pois eu não vou. Só para esclarecer.

— Promete?

Ele sorriu.

— Se prometer não me dopar mais.

— Eu prometo. — Sorri de volta. Beijando seus lábios de leve.

— E se não quer malhar, ok, pode ficar dormindo. Eu não me importo.

— Não, eu até quero. Mas tem que ser seis horas da manhã?

— Pode malhar na hora que quiser.

— Sinceramente, acho que sozinha eu não consigo.

— Eu posso contratar um *personal*.

— Hum... Vai ser um daqueles bem gostosões? Que malham sem camisa e...

— Julie... — Simon bufa me fazendo rir.

— É brincadeira!

E assim tínhamos mesmo arranjado um *personal trainer* que era bem gostosão, porém totalmente gay. Indicação de Justin. Porém, malhar ainda não era minha atividade preferida e na maioria das vezes eu enrolava o pobre Todd para ficarmos vendo TV, ou testando receitas *fit* para o Natal que se aproximava (ok, algumas eram um tanto calóricas, mas Todd era um doce e não conseguia dizer não para mim), ou até mesmo pedindo para que ele cuidasse de Penélope enquanto eu tirava uma soneca, afinal, acordar cinco vezes à noite e se manter acordada de dia era bem difícil.

Pelo menos já tinha me livrado de quatro quilos, mas ainda faltavam alguns.

— Eu estou malhando — esclareço para meus colegas — Já ouviram falar de Todd Steves?

— Ele não foi *personal* da Gwyneth Paltrow? — Nancy arregalou os olhos.

— Exatamente! Ele é incrível. Foi o Justin quem indicou.

— Você está realmente fantástica! — Benjamin elogiou com um olhar nada sutil.

O que eu posso fazer? Sou mesmo uma mãe gostosa, quase uma Kim Kardashian.

— Olha só, Justin chegou. — Avisto Justin entrando no salão e vou ao seu encontro, feliz em revê-lo.

— Julie, não sabia que a veria aqui! — Ele me abraça.

— Nem eu sabia! Decidi de última hora. E aí, quais são as novidades?

— Bem, eu ia esperar para te contar. Mas estou saindo da DBS.

Arregalo os olhos, surpresa.

— Como assim?

— Recebi uma proposta de uma outra empresa...

— Não pode nos deixar! Tem que falar com o Simon, certeza que ele vai lhe fazer uma proposta melhor...

— Não é uma questão de dinheiro. Eu já conversei com Simon e ele está de acordo com a minha saída.

— Não é justo! Você é o melhor chefe que eu já tive. Me ensinou tanto...

— Não fique triste.

— Estou triste sim! Porque além de tudo somos amigos...

— Ainda seremos amigos, mesmo que não trabalhe mais aqui.

— E estou preocupada também. Já pensou se aparece um outro chefe tipo a Erin? — Só de me lembrar de Erin, minha ex-chefe bruxa, já sinto um arrepio de horror.

— Tenho certeza que não vai ser assim. E você como está? — Ele pega uma taça de champanhe para ele e uma de suco para mim.

— Agora estou péssima! E seria uma hora para poder tomar um porre! — resmungo nem um pouco feliz por não poder beber nada alcóolico ainda.

O que me faz lembrar que na última festa de Natal da empresa eu tomei um porre e fui parar muito bêbada no carro do CEO.

— Não fique assim. É Natal, da última vez que conversamos estava tão animada com a decoração que ia fazer na sua casa e o projeto do cartão de Natal...

Ah sim.

Há alguns dias eu tinha me dado conta que, de tão ocupada com

Penélope, eu não tive tempo de montar uma árvore de Natal.

Eu havia insistido com Simon para que ele fosse comprar uma árvore de Natal e tudo o que fosse preciso para decorarmos nossa nova casa.

— Por que eu? — Simon resmungou, nem um pouco animado.

— Porque eu tenho que cuidar de um bebê! Não seja folgado.

— Julie, nunca comprei uma árvore de Natal na vida.

— Para tudo tem uma primeira vez. Você vai sair e vai voltar com uma árvore e, ah, tive uma ideia incrível: vamos fazer umas fotos bem bonitas, eu, você e Penélope e fazer um cartão de Natal!

Simon ainda não pareceu muito animado, mas saiu em um sábado de manhã, voltando com um pinheirinho e caixas e mais caixas de luzes e enfeites.

— Simon, é tudo lindo! — Eu tinha contemplado deslumbrada enquanto ele tirava tudo da caixa.

— Que bom que gostou, a vendedora que escolheu tudo...

— Uma vendedora? Você que tinha que escolher!

— Julie, eu não sou um maldito elfo natalino!

— Também não precisa ser um grinch! Vamos montar nossa árvore! — Bati palmas, animada. — O fotografo virá daqui a duas horas e tudo tem que estar lindo.

— Fotógrafo?

— Eu te falei! Para as fotos do cartão!

— Achei que fosse só uma de suas invenções...

— Claro que não! Somos uma família agora e temos que fazer nossa foto para o cartão.

— Então vou deixar você aí...

— Nem pensar! Pode me ajudar! — exigi colocando Penélope no carrinho, e Simon não teve escolha a não ser me ajudar.

Só que Penélope estava especialmente manhosa e eu tive que pegá-la e colocá-la em meu peito, que foi a única coisa que a acalmou, enquanto supervisionava um Simon nada feliz.

— Você está fazendo tudo errado! — ralhei quando o via colocando enfeites em um só lado.

— Não está errado!

— Está sim! Tem que ter equilíbrio! Cadê sua noção estética, Simon?

— Por que não faz você mesma, e para de ficar reclamando?

— No dia em que tiver leite saindo de seus mamilos, quem sabe?

— O que isso tem a ver?

— Estou amamentando nossa filha se não percebeu? Acha que gosto de ter que ficar explicando como monta uma árvore de Natal para alguém que não entende nada? Fala sério, você tem várias habilidades, mas faltou um pouco e noção estética, com certeza.

— Ah claro, porque eu deveria ter feito um curso no maldito Polo Norte para aprender a montar decoração de Natal e colocar no meu currículo, ia fazer toda a diferença!

— Ei, para de ser tão grosso! Vai brigar comigo por causa de uma árvore?

— Você que está brigando, não eu!

— Ah, agora eu que sou a culpada. — Comecei a chorar e Simon me encarou em choque.

— Por que diabos está chorando?

— Porque você está estragando meu Natal!

— Julie, pelo amor de Deus! — Ele se aproximou e se sentou ao meu lado, respirando fundo. — Está exagerando. São os hormônios ainda?

— É o primeiro Natal da Penélope e quero que seja perfeito.

— Ela só tem dois meses acha que vai se lembrar se temos árvore de

Natal ou não?

— Mas eu vou! — funguei.

— Está bem. — Ele acariciou meu cabelo. — Não precisa ficar assim. Eu vou fazer direito, ok? Agora pare de chorar.

E dali pra frente, ele se esforçou para fazer o que eu queria, mesmo ainda com certa impaciência. No fim, os enfeites estavam dispostos de forma horrível, mas Penélope dormiu e eu pude ir consertar tudo, mesmo Simon resmungando que eu mais parecia uma duende louca de Natal.

Eu não me importava.

Naquela tarde, tiramos nossa primeira linda foto em família em frente a nossa primeira árvore para nosso primeiro cartão de Natal.

— E aí, me conta mais... — Nancy me aborda depois que Justin se afasta. Apesar de sermos ex-colegas de apartamento, nesses pouco mais de dois meses em que estive de licença-maternidade não tive tempo de ver Nancy. — Me fala sobre você e Simon! E aí, como vai a vida romântica de vocês depois do bebê? Ouvi dizer que não é nada fácil, se é que me entende...

— Mas nossa vida romântica está ótima. — Sorrio e abaixo o tom de voz. — E nossa vida sexual também. Nunca esteve tão incrível!

A verdade é que nas primeiras semanas eu só tentava sobreviver à catástrofe que fora meu parto. Porque mesmo minha pobre vagina não tendo sido picotada, ainda assim a situação depois de ter um bebê era bem caótica. Além do mais toda a confusão dos primeiros dias com um bebê recém-nascido tomava toda a minha atenção. E a de Simon também.

Mas com o passar das semanas, Simon voltando a trabalhar e eu começando a me sentir mais apta a cuidar de Penélope, sem achar que ia enlouquecer a qualquer momento, comecei a me questionar como seria voltar

a transar com Simon.

Depois de seis semanas do parto, voltei ao médico, e como Simon tinha uma reunião importante, compareci a consulta sozinha e foi dado o sinal verde para que pudéssemos voltar a ter relações sexuais.

Não que isso tenha me deixado animada.

Como é que seria agora?

Será que minha vagina ainda era a mesma?

Voltei para casa me questionando se estava realmente preparada.

Quando Simon chegou à noite, fiquei o encarando enquanto jantávamos. Penélope já estava dormindo — não por muito tempo, claro. Daqui a umas duas horas ela acordaria para mamar ou para ser trocada. Mas talvez hoje fosse uma boa hora para começarmos de novo.

— Por que está me encarando?

— Estava pensando que a gente podia transar.

Ele levantou o olhar do prato devagar.

— Nossa, está me olhando como se eu tivesse pedido para ir à rua e matar alguém! Eu só estou perguntando se você quer transar. Afinal, já faz um tempo, né? E hoje o médico disse que tudo bem e... Espera aí... Você não reclamou nem uma vez nessas seis semanas! Não ficou com tesão em nenhum momento? Ai meu Deus, Simon, você não tem mais tesão por mim? Eu nunca deveria ter deixado você assistir o parto. Foi traumático demais? Eu sei que viu minha vagina daquele jeito, mas o médico garantiu que ela voltou ao normal...

— Ei, Julie, pare de surtar! — ele pediu, segurando minha mão. — Respira.

Fiz o que pediu, respirando fundo.

— Claro que eu tenho tesão.

— Não pareceu... — Eu o encarei desconfiada.

— Você queria que eu ficasse te atormentando quando acabou de ter um bebê? Que tipo de homem eu seria?

— Ah Simon, que fofo você é! — Beijei seus dedos. — Aposto que usou muito essa mãozinha, não é? — Ri, divertida, quando ele rolou os olhos, mas não soltou a minha mão.

— Pode apostar. E então? Quer mesmo transar?

O que eu podia falar? Mentir para agradá-lo?

Porque pra falar a verdade eu não me sentia nem um pouco sexy ainda.

— Julie, se você ainda não está a fim, é só dizer.

— Não vai me trocar por uma boneca inflável ou algo assim?

— Para de ser ridícula! — Ele riu e beijou minha boca de leve. — Vamos dormir.

Achei ótimo que Simon fosse tão compreensível, mas no fundo me sentia um pouco culpada. Porém, o trabalho com Penélope ainda era exaustivo e ter um bebê pendurado no seu seio o dia inteiro não deixava muito tempo para pensar em vida sexual.

Aí veio o episódio do amante latino que começou quando Simon mentiu descaradamente numa tarde de sábado, dizendo que estava com seu amigo Henry e eu confirmei com Sophia que eles estavam em Durhan, há quatro horas de Londres e que Simon não poderia estar com eles!

E quando ele chegou com a cara mais deslavada do mundo confirmando que estava com Henry, eu fiquei quieta, mas decidi agir.

E aí foi como eu contei. Simon não fazia ideia que já tive um namorado que tentou me passar pra trás e eu sabia como fazer para pegá-lo com a boca na botija! E não foi difícil grampear seu telefone e segui-lo pela cidade, até que acabei descobrindo que na verdade ele estava mesmo era

comprando meu presente de Natal.

Depois daquele episódio, percebi duas coisas: eu precisava retomar minha intimidade com Simon, ou seja, precisava de sexo urgente! Porque provavelmente a falta de sexo estava afetando meu juízo. E também precisava voltar ao trabalho, já que o fato de ficar em casa o dia inteiro estava me entediando demais a ponto de eu começar a criar delírios na minha cabeça. Justo eu, uma pessoa tão realista.

E mesmo ainda podendo ficar mais tempo em casa, acho que já estava na hora de voltar ao trabalho, precisava voltar a DBS e ter algo mais para me preocupar do que qual a próxima hora da mamada.

E primeiro eu precisava dar um jeito na minha aparência que tinha ficado totalmente em segundo plano desde que me tornei mãe em tempo integral.

Meus cabelos estavam horríveis. Embaraçados e opacos, sem um corte descente. Eu tinha olheiras de quem não dormia direito e nem vou falar que todas as partes do meu corpo ainda ligeiramente fora de forma não viam uma cera depilatória há séculos.

Para minha sorte, Florence me ligou dizendo que estava na cidade e que queria almoçar comigo. Aceitei o convite de pronto e quando nos encontramos desabafei com ela sobre minha vida sexual — ou a falta dela.

— Todas nós passamos por isso, Julie.

— E foi tudo bem com você?

O bebê de Florence, Alexander, que agora brincava com um mordedor no carrinho, havia nascido três meses antes de Penélope.

— Na verdade, foi um horror. Sean estava todo impaciente e não queria esperar e acabei cedendo, cinco semanas depois do bebê nascer. Foi terrível! Eu senti uma dor horrorosa e tivemos que parar no meio, porque, sério, parecia que estava perdendo a virgindade de novo! — Ela riu, mas eu

não estava achando graça nenhuma. — Enfim, você precisa saber que por causa da amamentação, e da loucura dos hormônios nossa vagina fica mais seca que o deserto do Saara.

— O quê? Não pode ser sério!

— Aceita este conselho! Invista em lubrificantes. Vai fazer a diferença.

— Ok, então além de fazer uma depilação urgente preciso de lubrificantes... — Anotei no bloco de nota do celular.

E também teria que ver um jeito de convencer Simon de que eu estava pronta para voltar ao trabalho.

Depois de dar um trato no visual e me sentir quase humana de novo e mais confiante, quando Simon chegou em casa naquela noite, eu o surpreendi com um jantar romântico.

— Isso é alguma ocasião especial? — ele indagara, bebendo seu vinho.

Eu estava só na água, afinal, estava amamentando.

— Sim, muito especial. Primeiro, quero dizer que vou voltar ao trabalho.

— Mas já?

— Eu sei que podia ficar mais tempo, mas estou cansada de ficar em casa! Preciso fazer alguma coisa a mais que não seja só trocar fralda! — desabafei.

— Ok, se é importante para você... — Ele segurou minha mão e franzi o olhar, desconfiada.

— Por que está concordando comigo tão fácil?

— Queria que eu brigasse com você?

— Sabe que é briguento, Simon.

— Não sou. Você que é!

— Achei que teria que brigar mais pra te convencer mesmo, e por isso tinha até o plano B.

— Plano B?

Fico vermelha, o que é ridículo.

— Eu ia propor uma noite de sexo bem sacana pra te convencer.

— Espera, sexo já está na ordem do dia de novo?

— Bem, eu acho que sim... Se formos com calma. Se você não se assustar com algum vazamento de leite — Florence tinha me alertado sobre isso. Sean aparentemente tinha corrido assustado a primeira vez que aconteceu. — E sem esquecer o lubrificante...

Ele levantou a sobrancelha interessado.

— Lubrificante? Vamos fazer o...

— Não, para de ser pervertido! É para o lugar habitual mesmo, mas por causa dos hormônios podemos precisar. Enfim, já está liberado me atormentar de novo. — Sorri e ele me acompanhou, deitando um olhar cheio de malícia sobre mim.

— Achei que fosse sua moeda de troca. — Beijou meu pulso subitamente acelerado e senti o tesão, até aquele momento adormecido, começar a se alastrar por meu corpo de novo.

Ah sim.

Estava totalmente liberado!

— Bem, não acho que precisamos de um motivo...

— Agora? — Ele levantou a sobrancelha.

— Ok! — Concordei rápido. Por que não?

E nós dois saltamos da cadeira, correndo para colocar os pratos na lavadora e eu ainda estava guardando o resto de macarrão na geladeira, quando os braços de Simon me atacaram, me erguendo no ar e sua boca encontrando a minha num beijo impaciente.

Ah sim.

Rindo, deixei que ele me levasse direto para nosso quarto e me jogasse na cama, arrancando minha camiseta enquanto eu me ocupava em abrir sua calça. Seus lábios devorando os meus em beijos que fazia um tempo que não eram tão elaborados e tão cheios de promessas. E daquelas bem sacanas.

— Ah sim! — sussurrei quando sua boca começou a percorrer meu pescoço mordendo e marcando, as mãos descendo para abrir minha calça e...

Um choro de bebê se fez ouvir através da Babá Eletrônica. Paramos imediatamente, alertas.

— Ah droga! — Simon resmungou, mas saiu de cima de mim.

— Eu vou ou você?

— Deixa que eu vou.

Ele saiu do quarto e me aconcheguei na cama, tirando a minha calça pra facilitar.

Nem acreditava que ia transar com Simon!

Estava me sentindo uma virgem de tão ansiosa e porque não dizer até mesmo com um certo receio de como ia ser.

Mas tinha certeza que ia ser épico. Eu e Simon sempre fomos perfeitos juntos e agora não seria diferente...

— A gente transou? — indaguei quando abri os olhos de novo e a luz do dia invadia o quarto.

Simon estava arrumando a gravata já todo vestido para ir trabalhar e me lançou um olhar irônico.

— Acho que se lembraria se tivéssemos transado.

— Oh Deus, eu dormi?

— Desmaiou para ser mais exato.

Ouvi um som de bebê e olhei para o lado. Penélope estava no bebê conforto ao meu lado na cama.

— Penélope? — Eu a peguei no colo, abrindo minha blusa para alimentá-la. — Não lembro de ter acordado nenhuma vez a noite para amamentá-la.

— Eu lhe dei mamadeira.

— Não devia ter feito isso, podia ter me acordado!

— Estava dormindo feito um cadáver, Julie. Achei melhor que descansasse.

— Me desculpe!

Ele sorriu e se aproximou beijando minha testa e acariciando os cabelos de Penélope.

— Não peça desculpa. Temos tempo, ok?

Volto ao presente. Isso aconteceu nessa manhã.

Nancy continua me encarando esperando mais detalhes, que eu não lhe darei. Bem, não que tenha de verdade alguma coisa pra contar.

— E não vai contar mais nada? — ela insiste.

— Para de ser curiosa, Nancy! E cadê a Natasha, não a vi em lugar algum...

— Natasha está de férias. Ela me mandou uma foto de um lugar esquisito, agora que virou bruxa, está mais bizarra do que antes. Disse que assim que voltar vai ler minha mão, dizendo que suas visões estão mais apuradas do que nunca!

Nancy me mostra no celular uma foto de Natasha. Ainda é esquisito demais vê-la sem as roupas pretas de gótica de sempre. Agora ela usa os cabelos loiros soltos e um vestido florido cumprido. Além de uma coroa de flores no cabelo e colares coloridos no pescoço. Parece mais filha da minha

mãe do que eu mesma.

— Ah, eu sei onde é isso. Minha mãe passa férias lá também, é tipo um refúgio Wicca ou algo assim, na Irlanda.

Ainda me recordo com horror do verão que minha mãe me obrigou a ir, quando eu tinha 15 anos. Era como ter minha mãe multiplicada por vinte!

— Olha só, o chefe chegou.

Meus olhos são atraídos para a entrada onde Simon surge, ao lado dos acionistas da DBS. E é como um *déjà-vu*. Ainda me recordo de como estava ansiosa no último Natal, pronta para fazer o que muitos julgariam impossível: conquistar Simon Bennett.

Claro que no meu caminho surgiu minha ex-chefe demoníaca, em quem derramei champanhe e ela me obrigou a trocar meu lindo vestido sexy por um modelo horrendo. E aí, passei a noite me embebedando, achando que tudo estava perdido. Mas o destino me deu um empurrãozinho, me fazendo desmaiar justamente no carro de Simon.

E era só o começo de uma sucessão de episódios bizarros, envolvendo noivado de mentira, osso cúbito, sexo incrível e uma paixão avassaladora.

Para chegarmos aqui, no mesmo lugar em que tudo começou.

E diferente daquela noite, em que Simon nem me notou, agora seu olhar me busca por entre a multidão, e quando me encontra, todo o resto desaparece.

Simon avança em minha direção, ainda tão lindo como me pareceu naquela noite. Mas agora não mais inatingível.

Agora ele é meu.

Sua mão encontra a minha e ele sorri.

— Como foi que não te vi naquela noite, Julie Harris? — questiona como se para si mesmo. E percebo que seus pensamentos estão em sintonia com os meus. Ele também está recordando daquela primeira noite de

confusão.

— É o que me pergunto ainda. Porque eu sou mesmo difícil de ignorar.

— Não posso discordar. — Ele se inclina para me beijar, mas eu paro o movimento, olhando em volta, preocupada.

— Simon, não faz isso aqui!

— Por que não?

— Porque está todo mundo olhando e não quero que sejamos alvo de fofoca.

— Agora você está preocupada com isso? Se não reparou nossa vida é a principal fonte de diversão dos funcionários da DBS há tempos.

— E pela primeira vez eu não vejo você falando sobre isso irritado. — Estranho a calma de Simon em falar sobre o fato óbvio de que nosso relacionamento era mesmo a maior fofoca de todos os tempos na empresa.

— Eu já cansei de ficar bravo com isso. Se querem se divertir, que se divirtam, contanto que trabalhem com eficiência e não façam nosso lucro cair.

— Ah, sim, aí está o CEO implacável por quem me apaixonei! — Ri, divertida.

— Mas tem razão, vamos procurar um lugar mais apropriado, tenho algo para te mostrar. — Ele me puxa pela mão, até os elevadores, ignorando os olhares curiosos a nossa volta.

— Onde vamos?

Simon aperta o botão do elevador e me puxa para perto quando as portas se fecham, beijando meu pescoço, fazendo minhas pernas bambearem.

— Simon, acho que aqui ainda tem câmeras!

Simon me solta, rindo, quando o elevador abre as portas de novo.

— Por favor, diga-me que estamos fugindo para transar escondido

como nos velhos tempos! — indago animada, quando ele me leva para sua sala e fecha a porta.

— Não era minha intenção inicial, mas podemos dar um jeito se insiste.

Ele se senta atrás de sua mesa.

— Porém, primeiro, temos uma proposta para te fazer.

Sento-me, ainda confusa.

— Proposta sexual?

Simon ri.

— Guarde sua perversão por um momento, Julie.

— Querido, não sei se lembra mas já faz um bom tempo que não experimento nenhum tipo de perversão e só de estar aqui com você, todas essas lembranças da festa de Natal passado... E ainda me fala em proposta? Eu me lembro muito da proposta que me fez no ano passado!

— E eu da sua contraproposta!

— Ainda me lembro da sua cara de espanto quando eu disse que só fingiria ser sua noiva se transasse comigo. — Sorrio ao me lembrar.

— Na verdade a proposta é de trabalho dessa vez.

— Ah.. — Tento conter minha decepção.

— Taylor está saindo da empresa, não sei se sabe.

— Sim, ele me contou hoje, fiquei muito triste.

— Achei que finalmente chegou o momento de você assumir a gerência de Relações Públicas.

Arregalo os olhos, chocada.

— Sério?

— Sim, já tem um ano na empresa e sabe que é competente demais, Julie. E se aprimorou muito neste último ano com a ajuda de Justin.

— Eu nem sei o que dizer. — Claro que depois da saída de Erin, achei

que eu era a nova gerente e Simon ter colocado um total estranho no lugar que eu considerava meu foi um banho de água fria. Mas eu me acostumei com Justin, que era um ótimo chefe e se tornou meu amigo. Além do mais, eu estava grávida e logo saí de licença e nunca mais eu tinha pensado na possibilidade de promoção.

— Assim, se quiser, o cargo é seu — Simon continua.

— Mas... e o fato de eu ser sua esposa? — expresso meu medo.

— As pessoas vão falar, mas do que é que elas não falam? E você vai provar que conseguiu o cargo porque é competente e não porque faz um excelente sexo oral.

Levanto-me, dando a volta na mesa e sendo bem recebida em seu colo.

— Então não é por causa das minhas habilidades sexuais que está me promovendo, Senhor Bennett?

— Suas habilidades sexuais são bem aproveitadas na nossa casa, mas não aqui.

Levanto a sobrancelha de forma sugestiva, deslizando minha mão até sua calça.

— Tem certeza?

Mas antes que eu consiga prosseguir, Simon segura minha mão.

— Ainda tem algo mais.

Ele pega um papel em sua mesa e me mostra.

Eu leio sem entender.

O documento fala sobre umas ações da DBS, que agora pertencem a Julie Harris-Bennett?

Encaro Simon, ainda sem entender.

— O que é isso?

— São as ações que eu comprei da Bárbara. Aquelas que me fizeram

apressar nossa casamento.

— Aqui está dizendo que pertence a Julie Harris-Bennett!

— Sim, eu passei para você.

— Simon, isso é... Absurdo!

Eu tinha ficado muito chateada com Simon ao saber dos reais motivos que o fez querer casar comigo tão depressa, para poder receber uma herança e assim virar acionista da DBS. Mas confesso que já tinha deixado para trás.

— Não é. Eu sei que errei.

— Eu te perdoei!

— Mas eu não.

— Simon...

— Isso sempre vai estar entre nós, Julie. E sinceramente, as ações da DBS importaram muito pra mim um dia. E eu seria capaz de fazer qualquer coisa por elas. Agora, com o nascimento de Penélope, eu percebi que não importa mais. Há coisas mais importantes. Ter você em minha vida, nossa filha... é tudo o que importa agora. Mais do que qualquer carreira que posso ter na DBS ou outra empresa.

— Meu Deus, Simon, isso é o que chamo de milagre de Natal! O ambicioso, frio e *workaholic* Simon Bennett virando um sentimental e desapegado pai de família! Agora só falta entrar para a seita da minha mãe, como a Natasha, e sair por aí entoando cânticos, com flores no cabelo e tocando tambor!

Simon ri.

— Não exagera.

— Mas falando sério agora... Não precisa mesmo fazer isso!

— Eu já fiz.

— Não posso ser acionista! — exclamo aflita, mas então de repente tenho uma visão de mim mesma, usando um terno Chanel e indo às reuniões

com os maiores empresários do mundo. Sim, eu posso ser amiga do Mark Zuckerberg! — Quer dizer, acho que posso suportar...

— Sei que sua cabeça inventiva vai dar um jeito de suportar! — Ele ri e me beija. Agora são suas mãos que fazem um passeio sacana por cima das minhas roupas. — E agora, podemos entrar na parte da sacanagem que tanto queria...

— Ah, por favor!

Ele me leva até o sofá e rindo nos ocupamos em tirar nossas roupas do caminho, ansiosos para uma bem-vinda perversão natalina no maior estilo Julie e Simon, escondidos em seu escritório, como nos velhos tempos.

E quando ele está dentro de mim, é quase como se fosse a primeira vez. Há ainda um certo desconforto, mas com Simon, nada pode ser ruim, afinal, ele é mesmo um CEO fodão que pode tudo. Inclusive me fazer gozar duas vezes!

Caramba, eu tinha mesmo tirado a sorte grande!

— Como você faz isso? — indago preguiçosa depois de um tempo.

— O quê? — Ele levanta a cabeça do meu pescoço, me encarando divertido.

— Ser tão perfeito.

— É que eu sou perfeito com você.

— Ah Simon, acho que eu me apaixonei por você de novo!

— É bom eu fazer um bom trabalho, afinal, agora é minha chefe.

— Eu não tinha pensado nisso! — Sorrio, imaginando que pode mesmo ser divertido mandar em Simon um pouquinho.

— Agora temos que nos vestir e voltar à festa.

Ele me puxa e em pouco tempo estamos arrumados de novo e de repente alguém bate à porta.

— Não acredito que nos descobriram aqui!

Mas quando Simon abre a porta, Holly está ali, segurando Penélope.

— Holly, o que faz aqui? Algum problema com Penélope?

— Não surta, Julie. Eu pedi que Holly trouxesse Penélope — Simon explica enquanto Holly passa a bebê para meu colo.

— Sim, o Simon me ligou e pediu que a trouxesse — Holly confirma.

— Obrigada, Holly.

Holly acena e se despede.

— Por que não me avisou?

— Eu ia falar, mas você acabou me distraindo. Agora temos uma bebê, e acho justo ela está com a gente hoje. E acho que todos da empresa querem revê-la.

Ajeito minha bebê no colo, achando que Simon teve uma boa ideia.

— Então vamos subir e exibi-la!

Simon retira Penélope do meu colo e prosseguimos para a festa.

Entramos no elevador e eu suspiro vendo Simon ajeitar Penélope no colo. É mesmo a melhor visão de todos os tempos.

— Nem acredito que temos um bebê neste Natal! Quem poderia imaginar? Há um ano eu estava neste elevador, admirando você de longe. E agora estamos juntos aqui.

Ele sorri e segura minha mão.

— Parece um bom fim para uma história bem maluca.

Sorrio de volta, apertando sua mão.

— O melhor final.

Fim

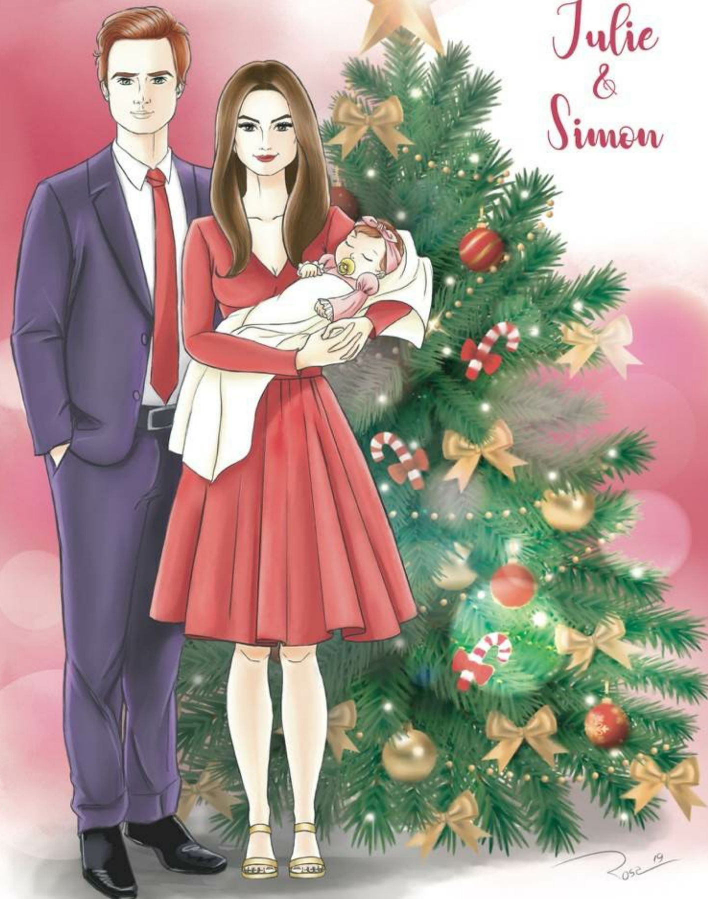
Nota da autora

E assim termina a série “Julie & Simon”. Exatamente um ano depois que começou. E lembrar que era para ter sido apenas um conto e se transformou em 3 livros e dois contos!

Espero que tenham se divertido, assim como eu me diverti muito escrevendo.

E não esqueçam de deixar uma avaliação!

Feliz Natal!


Feliz Natal !
Julie
&
Simon

Sobre a autora

Juliana Dantas



Apaixonada por livros, séries e viagens, a paulista Juliana Dantas envolveu-se com a escrita em 2006, produzindo fanfics dos seus seriados e livros preferidos enquanto trabalhava em uma grande rede de livrarias. Estreou como autora independente na Amazon em 2016 e hoje possui 30 títulos na plataforma Kindle. Com mais de 60 milhões de páginas lidas e com dois títulos na lista de mais vendidos da *Veja*, sua escrita transita livremente entre dramas surpreendentes e romances leves e divertidos.

E-books Publicados na Amazon:
O Leão de Wall Street
Vendetta – Livro 1
Vendetta – Livro 2
Vendetta – Livro 3

Vendetta – Livro 4
A Verdade Oculta
Segredos que ferem
Linha da Vida
Longe do Paraíso
Espinhos no Paraiso
Juntos no Paraíso
Espera – Um conto de O Leão de Wall Street
Cinzas do Passado
Trilogia Dark Paradise (Box)
A Outra
Segredos e Mentiras
Uma vida extraordinária
Por um sonho
O Highlander nas sombras
Quando você chegou
O segurança de Wall Street
Box Vendetta
Uma noiva de natal
Um noivado nada discreto
O dia dos namorados de Julie e Simon
Um sonho de Princesa
As infinitas possibilidades do nunca
Desastres sexuais (Conto Amor, amizade e outros desastres)
Box Romances Inesquecíveis
No silêncio do mar
O que escolhemos esquecer
Um bebê Inesperado

Livros físicos

A verdade oculta – Editora Pandorga
Segredos e Mentiras – Editora Volúpia
Quando você chegou – Editora Volúpia
Uma noiva de natal – Independente
Um noivado nada discreto – Independente

No silêncio do Mar – Harper Collins – Harlequin
As Infinitas Possibilidades do nunca – Independente

Contatos

E-mail julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage fb.com/@JulianaDantasAutora

Instagram @julianadantas_autora

WebSite: www.julianadantasromances.com

Caixa Postal: 76964 CEP 05412-972 São Paulo SP